

A primeira geração dos Cieps

ALBA VALÉRIA MENDONÇA

E assim se passaram dez anos. Ou melhor, quase. As vésperas de completar a primeira década de implantação dos primeiros Centros Integrados de Educação Pública (Ciep), seus alunos e ex-alunos percorreram caminhos diferentes. Da primeira “geração Ciep”, ou seja, entre os 28 estudantes que concluíram a 4ª série, em 1989, no Ciep Presidente Tancredo Neves, no Catete, 14 abandonaram os estudos, 13 marcam passo com repetências e idas e vindas às salas de aula — ainda não saíram do Primeiro Grau — e apenas uma aluna segue os estudos normalmente. Está na 1ª série do Segundo Grau e planeja prestar vestibular para direito.

Entre as ovelhas desgarradas — algumas não localizadas por terem mudado de escola ou de endereço — está Anderson, 17 anos, morador do Morro dos Prazeres, que nem estuda nem conseguiu emprego. Segundo a mãe, “vive fazendo artes por aí”. Ou Sidney, mesma idade, que há quatro anos virou camelô e vende cigarros no Catete, mas não perdeu o hábito da leitura.

Um futuro bem diferente daquele desenhado pelo idealizador do projeto, o professor e atual senador Darcy Ribeiro. A geração que “deveria dar o exemplo em termos de conhecimento e educação”, tem hoje, em média, 17 anos, mora em comunidades carentes e, por necessidade, opta pelo trabalho em detrimento do estudo. Das recordações do primário, além dos colegas de turma, ficaram boas lembranças das aulas de apoio, de recreação e educação física e da assistência odontológica.

Do passado em comum de livros e cadernos, pouco restou. Raros são os que ainda mantêm o hábito de leitura adquirido durante as aulas de literatura, na biblioteca do “brizolão”. Grande parte dos alunos, como Ricardo de Jesus Costa, 18 anos, morador de Santo Cristo, não encontrou aplicação para os conhecimentos de geografia e ciências e optou por exercer na prática uma atividade que lhe garanta, ao menos, um presente digno.

— Mais uma vez interrompi os estudos para trabalhar. E só admito voltar se puder conciliar os horários. Não compensa voltar para a escola se não tiver como ganhar dinheiro — diz ele, que há três meses cursava a 8ª série no Ciep José Pedro Varela.

Jovem trocou sala pelo ‘caminho do desvio’

Nem todos os integrantes da “geração Ciep” seguiram a trilha dos livros. Alguns se perderam no meio do trajeto. Pararam de estudar, estão desempregados e seguem o “caminho do desvio”, como costuma dizer Marli Ricardo, mãe de Anderson Ricardo Machado, de 17 anos, morador do Morro dos Prazeres, em Santa Teresa. A mãe diz que quase não vê seu rebento em casa, pois ele “anda muito rebelde, fazendo artes por aí”. Desde que seu guri saiu do Ciep, vive na sua meninice vagando por escolas entre repetências e abandonos das salas de aula.

Quando saiu do Tancredo Neves, Anderson foi para a Escola Municipal José de Alencar, em Laranjeiras, onde repetiu a 5ª série. Sua mãe diz que ele não gostava do colégio e por isso não estudava direito. Foi transferido para a Escola Pereira Passos, também em Laranjeiras, onde foi reprovado por faltas.

— Acho que ele não gostava de lá. Sabe como é, né? Criança é assim mesmo. Na época do Ciep, por exemplo, eu era sempre chamada na escola porque ele não queria nada com o estudo. Certa vez dei-lhe uma surra na frente dos colegas. Depois disso, nunca mais fui chamada — comenta, com ar de quem acha que corrigiu o filho.

Marli conta que Anderson está tentando voltar aos estudos. Ele manifestou vontade de frequentar um curso noturno, mas ficou com medo da guerra entre traficantes do morro. Anderson teme ser assaltado ou confundido com traficante. Como ele costuma sair de casa cedo e voltar muito tarde, Marli vive rezando para seu guri chegar são e salvo. Essa onda de assalto está um horror.

— De noite é sempre muito perigoso andar pela rua. Por isso, ainda não voltou a estudar. Tenho que dar razão a ele, não é?